

DA INTUIÇÃO À TEORIA- QUESTÕES SINTÁCTICO-FONOLÓGICAS DO CLÍTICO -O.¹

As afinidades encontradas entre o artigo definido e o pronome pessoal átono *o* constituem a primeira motivação para este trabalho. Estes elementos têm a mesma etimologia, derivam do pronome latino *illu(m)* mantendo hoje no português identidade fonética - [u], em certos contextos [lu] e [nu]. São elementos sem acento principal de palavra que necessitam de se cliticizar a uma palavra acentualmente plena. Relativamente à sintaxe, é interessante analisar o comportamento do artigo e do pronome, nomeadamente em contextos como os seguintes:

- | | |
|-----------------------|------------------|
| a) Leste as revistas? | b) Viste o João? |
| Li-as. | Vi-o. |
| Li as revistas. | Vi o João. |

Perante as semelhanças sumariamente apresentadas é desejável construir uma análise generalizada - contemplando os dois itens e contemplando duas componentes da Gramática que parecem imprescindíveis ao seu tratamento linguístico - sintaxe e fonologia. Esta ideia não é inovadora e pode ser encontrada em alguns Gramáticos, em Raposo (1973) no quadro da sintaxe transformacional e é também recuperada na análise DP (Determiner Phrase) dentro de um quadro específico da Teoria X' nomeadamente em Fukui & Speas (1986) e Abney (1987) que retomaremos adiante.

Este trabalho divide-se em três partes: na primeira parte divulgaremos e recensearemos alguns dos estudos de Gramáticos que relacionam pré-teoreticamente o artigo definido e o pronome pessoal átono. Na segunda parte apresentaremos a análise DP, uma análise da sintaxe generativa, como proposta de enquadramento teórico para as semelhanças encontradas entre estes dois itens. Na terceira parte integraremos as características fonológicas destes elementos - a atonicidade e a obrigatoriedade de cliticização fonológica - e relacioná-las-emos com a estrutura sintáctica apresentada. Pretende-se ainda que esta análise seja produtiva para o tratamento da Linguagem Natural,

¹ Daqui em diante sempre que referirmos a forma *o*, entenda-se que referimos as quatro formas - *o(s)*, *a(s)*.

especificamente no que respeita à cliticização fonológica dos dois elementos. O objectivo é fazer derivar a direcção da cliticização fonológica a partir da constituição sintáctica.

Os Gramáticos que vamos estudar aproximam explícita ou implicitamente os dois itens em questão integrando geralmente sob um mesmo título o estudo do artigo definido e do pronome pessoal. Fernão de Oliveira (1536: Cap. XLIII) trata no mesmo capítulo o artigo definido e o pronome pessoal átono, e advertindo contra o erro de ênclise nas formas verbais do futuro e do condicional nas quais o *artigo* deve ser *anteposto*, afirma:

(...) e com tudo nestas anteposições aquelle artigo o que se alli antepoẽ he relativo alghũ tanto diferente daqueloutros [os artigos que aparecem antes do nome].

João de Barros (1540: *Dos artigos*) utiliza também o termo *relativo* no quadro sobre as *Declinações dos Artigos os quães tam/hém sêrvem de relativos*.

Relativo não nos parece ser um termo inocente. Os autores englobam na mesma categoria morfosintáctica (*artigo*) o artigo e o pronome, no entanto, distinguem um aspecto que os diferencia: enquanto que o artigo aparece junto a um nome, o *artigo relativo* refere-se a um nome com o qual tem de estar relacionado/ligado, por isso é chamado *relativo*.

Jerónimo Soares Barbosa (1822: *Das palavras enclíticas que não tem acento*) destaca as características fonológicas - atonicidade e obrigatoriedade de cliticização - como as qualidades mais marcantes destes elementos:

[enclíticas] (...) as particulas de uma Lingua que se encostam sobre a palavra antecedente, e se unem com ella de tal sorte, que não parecem fazer na pronunciação senão uma unica palavra com aquella a que se ajuntam. Esta sociabilidade procede já da sua pequenez e brevidade, que não excede a duas sílabas, essas breves.

Distinguindo entre Gramática Universal e Gramática Particular diz ser a cliticização um fenómeno universal passível de ser parametrizado pela *Lingua*:

(...) os grammaticos dão o nome de enclíticas só àquelas particulas que se ajuntam, não antes, mas depois das palavras, para fazer com ellas um como

unico vocabulo debaixo do mesmo accento (...) Nãas é porque o uso da Lingua não permite estas particulas senão pospostas aos vocabulos.

O uso porém da nossa admite as encliticas tanto depois como antes dos vocabulos.

As que sempre precedem os nomes, são o nosso artigo e algumas preposições, que não só a pronunciação mas ainda a escriptura mesma costuma incorporar à palavra seguinte.

As encliticas dos verbos são todos os casos obliquos dos pronomes, a saber: me, nos, te, vos, se, o, a, os, as, lhe, lhes. Todos elles segundo mais convém ou ao sentido ou à collocação, podem ou ir diante dos verbos (...) ou atraz (...) ou no meio.

No Português encontram-se os três movimentos possíveis de cliticização: próclise (ênclise nas palavras de Barbosa) do artigo ao nome; ênclise, próclise e mesóclise (ambas ênclise nas palavras do autor) do pronome ao verbo.

Barbosa relaciona ainda a colocação do clítico pronominal com o Princípio Acentual do Português, pelo qual o acento não sobe além da antepenúltima sílaba. O clítico submete-se, assim, ao acento da palavra a que se cliticiza, sendo esta amálgama, por sua vez, considerada uma só palavra sujeita, normalmente, ao referido Princípio Acentual do Português:

Outra propriedade d'estas encliticas é não se poderem ajuntar depois dos verbos, senão quando elles tem accento na ultima ou na penultima. Se elles porém o tem na antepenultima, de necessidade os devem então preceder, para o accento não ficar para traz da antepenultima, como ficaria se dissessemos: amáramos-te, amaríamos-o, louvássemos-lhes. Pois como as encliticas fazem um mesmo corpo com as palavras a que se encostam, e debaixo de cujo accento vão, se n'estes casos se podessem pospôr, seguir-se-hia que o accento poderia retroceder para traz da antepenultima, o que é contra o principio 2º que atraz pozemos.

Esquemáticamente:

a. ênclise	b. próclise
V C V #	V C V C V #
[+ acento]	[+ acento]
V C V #	
[+ acento]	

Barbosa explica as *anteposições* do futuro e do condicional, mas no seu próprio texto encontramos construções (sublinhado nosso) que servem de contra-exemplo e evidenciam uma sobre-geração quando deixamos o domínio da palavra e temos em atenção aspectos paradigmáticos como a presença de certos constituintes na frase.

Depois desta análise essencialmente fonológica, Barbosa tece algumas considerações sintático - semânticas relevantes sobre as palavras *enclíticas* (*termos das relações*):

(...) porque sendo destinadas para indicar as diferentes relações das idéas, não ha coisa mais conforme à razão do que ajuntar, para assim dizer , em um só corpo, os termos das idéas e os das suas relações.

Apresenta uma distinção vanguardista para a época entre *termo das idéas* e *termo das relações*, traduzível hoje na diferenciação entre palavra lexical e funcional. Existe, deste modo, um motivo "razoado" para a cliticização: juntar em um só corpo estes dois tipos de elementos que de algum modo se complementam.

Barbosa insere-se na linha de pensamento dos Gramáticos anteriores no que concerne o comportamento sintático dos dois itens:

[artigo] *A palavra artigo (...) significa alaptar, preparar, e d'ella se serviram os grammaticos para designar certos adjectivos determinativos, monosyllabos, e frequentissimos no discurso que per si não tem significação alguma, mas postos antes dos nomes communs, dispõem de antemão e aduertem o ouvinte para tomar os ditos nomes em um sentido individual, ou já determinado pelo discurso*

e pelas circunstâncias, ou que se vae a determinar, ou que se não quer determinar.

[pronome] *determinativos pessoas são uns adjectivos que determinam os nomes a que se referem, pela qualidade do personagem ou papel que fazem no acto do discurso ou da propriedade e posse, relativa ás mesmas personagens.*

Os dois itens são (adjectivos) determinativos - o artigo é chamado determinativo geral ou artigo; o pronome, determinativo pessoal primitivo. O primeiro determina o nome; o segundo determina relativamente a um nome, quer este esteja presente na frase quer que a ele se faça referência.

Da informação apresentada por Silva Dias (1917: *Appendice aos pronomes e nomes numerais; Dos pronomes; Collocação dos pronomes pessoas átonos e do pronome demonstrativo átono o*), interessa-nos sobretudo sublinhar a relação que se estabelece entre a colocação excepcional (próclise) do pronome átono e a presença de expressões em que *naturalmente recai a ênfase*. Assim, quando na frase existem constituintes como *que, se, todo, sempre, já, só, não*, entre outros, o pronome pessoal átono antepõe-se ao verbo, nos outros casos pospõe-se-lhe. Esta perspectiva está de acordo com o raciocínio de Barbosa no sentido em que se explicam comportamentos sintácticos através de noções prosódicas ou fonológicas. Silva Dias refere *ênfase* como uma noção essencialmente pragmática (do uso); hoje falaríamos de Foco fonológico (cf: Frola: 1992).

Said Ali (1921: *Pronome e suas especies*) apresenta um quadro inovador para a caracterização do pronome - não o considera substituto do nome, antes o vê como adjectivo ou substantivo:

Por muito sugestivo que seja o termo não satisfaz, contudo, à ciência da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo.

Correto me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes e adjectivos gerais, em oposição aos ordinários nomes e adjectivos especiais.

Todo o pronome é ou um substantivo (pronome substantivo) ou adjectivo (pronome adjectivo).

[pronome substantivo = pronome absoluto

pronome adjectivo = pronome adjunto

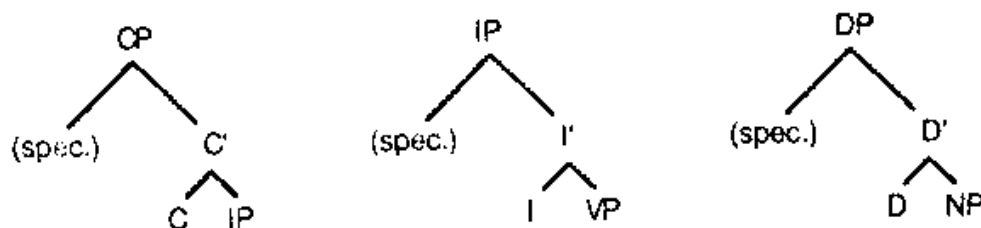
Para o autor o pronome pessoal *o* é um pronome substantivo. Se, no entanto, aplicássemos esta proposta a um estudo que contemplasse o artigo e o pronome pessoal, poderíamos considerar que ambos têm um comportamento adjectival, pois determinam o nome - quer esteja presente (artigo) quer esteja ausente (pronome). A análise DP enquadra-se exactamente nesta perspectiva.

Os Gramáticos relacionam estes dois elementos de uma forma assaz intuitiva. Para fundamentar estas intuições necessitamos de um suporte teórico que explique e explicita as afinidades encontradas. É neste momento oportuno definirmos o que entendemos por análise generalizada. Pretendemos tratar numa mesma análise estes dois itens propondo, assim, uma mesma posição sintáctica (núcleo de DP) para o artigo e para o pronome. É ainda generalizada porque aponta para a hipótese teórica de a cliticização fonológica poder ser lida através da constituição sintáctica.

Tanto o artigo como o pronome podem ser incluídos nas categorias funcionais: constituem classes fechadas, sem o conteúdo semântico associado normalmente às categorias lexicais. São funcionais por articularem os itens lexicais na frase.

Segundo o modelo sintáctico de Fukui & Speas (1986) e Abney (1987) as categorias lexicais projectam apenas X', enquanto que as categorias funcionais seriam núcleo de projecção máxima X'' tradicionais.

As principais X'' são as seguintes:

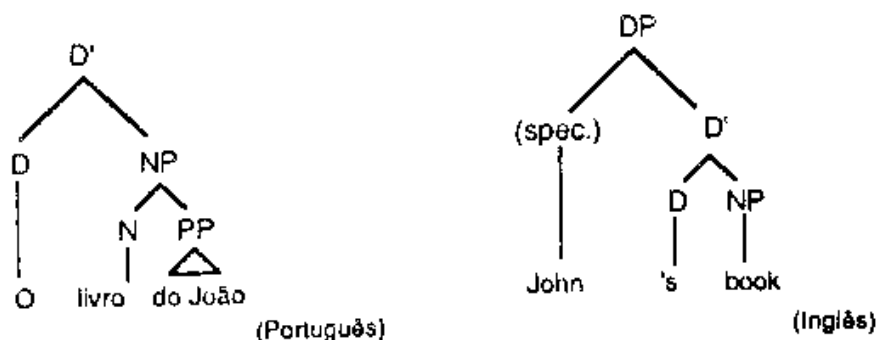


As categorias funcionais têm apenas uma posição de especificador e seleccionam apenas um complemento. O especificador é opcionalmente preenchido dependendo da capacidade de licenciamento da categoria funcional ²:

²Na teoria de Fukui & Speas (1986) esse licenciamento é efectuado pela atribuição de caso (caso atribuído pelas categorias funcionais ao seu especificador). Por exemplo, o caso nominativo atribuído ao DP sujeito da frase por FLEX [+AGR], ou o caso genitivo atribuído pelo D⁰ possessivo ao seu SPEC no Inglês - *John's book* (cf. Abney 1987).

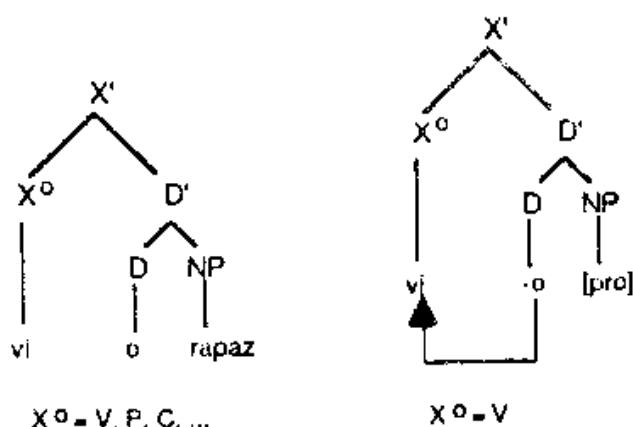
$XP \longrightarrow (SPEC) X'$
 $X' \longrightarrow X (COMPL)$
 $X = C, I, D$

O conceito clássico de projecção máxima é reformulado por esta teoria sintáctica considerando que o nível de projecção máxima varia segundo a capacidade de a categoria funcional licenciar o preenchimento da posição SPEC: *a projecção máxima de um núcleo particular é aquela que possui o maior número de barras possível para esse núcleo particular.* (Raposo (1992:213)). No Português (ao contrário do Inglês) a projecção máxima de D^0 é D' uma vez que os determinantes não licenciam especificador ($D'=DP$):



Uma análise que queira ser coerente com as afinidades destes dois itens e formalizar as intuições dos Gramáticos, terá de postular uma mesma posição para o artigo e para o pronome dentro de DP.

Assim, na esteira de Postal (1966), Brame (1981), Abney (1987), Uriagereka (s.d.) e Torrego (s.d.), iremos considerar que os pronomes concatenam a sequência Det + "one", como em Inglês, sendo nas línguas românicas "one" realizado como [pro].



Os DPs constituídos por determinantes "normais" (artigos) diferem dos DPs "pronominais" por realizarem foneticamente o seu complemento NP, enquanto que estes últimos se caracterizam pela não realização fonética do seu complemento.

Assumindo esta estrutura sintáctica e assumindo que a informação sintáctica vai ser processada por outra componente hierarquizada e complexa da Gramática³ - a fonológica - é necessário articular essa informação com as propriedades fonológicas destes itens.

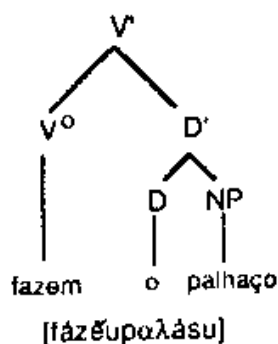
Essa articulação deverá ocorrer no *mapping*/intersecção sintaxe - fonologia, nível em que as informações sintáticas e fonológicas coexistem na Gramática. O modo como essa intersecção é interpretada e apresentada varia segundo a perspectiva teórica da composição do módulo fonológico da Gramática (cf: Selkirk: 1984; Nespov & Vogel: 1986).

Estes elementos são clíticos fonológicos. Não tendo acento, têm de se submeter a outro item de cujo acento dependem e com o qual formam um só *corpo* (como diria Barbosa). Sabemos que a cliticização fonológica [- marcada] em Português necessita do conceito de adjacência, i. e., que a regra de cliticização é uma regra local.

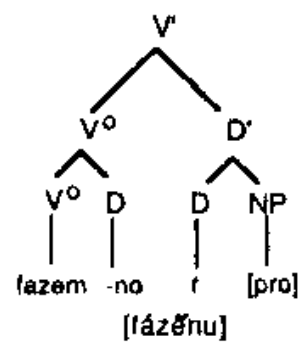
Assim sendo, colocamos a hipótese teórica da direcção da cliticização fonológica poder ser prevista, propondo que esta deriva da construção sintáctica. A cliticização *esquerda-direita* ocorre quando existe um item foneticamente realizado imediatamente à direita. A cliticização *direita-esquerda* ocorre quando não existe um item foneticamente realizado

³Estamos neste passo do artigo a seguir o modelo de Gramática de Chomsky (1981).

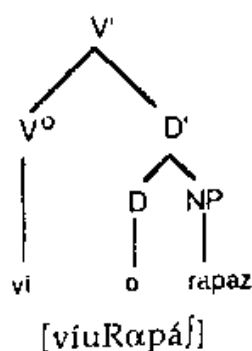
imediatamente à direita e existe um item foneticamente realizado imediatamente à esquerda⁴:



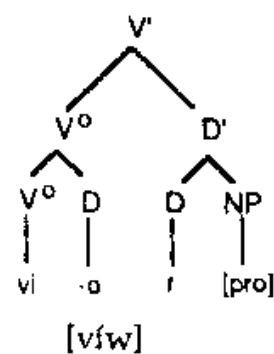
cliticização fonológica: esquerda->direita



direita->esquerda



cliticização fonológica: esquerda->direita



direita->esquerda

Existem várias hipóteses de interpretação da amálgama - palavra anfitriã + clítico. Num determinado modelo de construção da componente fonológica, o de Nespor & Vogel (1986), considera-se o Grupo Clítico como constituinte prosódico e como o primeiro constituinte prosódico a fazer apelo à constituição sintáctica. Outra hipótese é ver esta amálgama como sendo apenas uma palavra; esta é, como já referimos, a opinião de Barbosa (1822). Uma terceira hipótese que podemos aventar sugere que estamos perante um grupo semelhante ao dos compostos (Ladd: 1993 comunicação pessoal). Estas hipóteses merecem um maior estudo e desenvolvimento; é sobretudo necessário analisar sistematicamente os dados do Português. No entanto, interessa-nos sublinhar a relevância da informação sintáctica na construção deste grupo clítico como constituinte prosódico, importante domínio de aplicação de regras da componente fonológica.

⁴ Consideramos que o DP está em final de frase seguido de pausa absoluta.

Observemos os seguintes dados relevantes para comprovar a nossa hipótese teórica acerca da leitura automática da cliticização fonológica a partir da constituição sintáctica:

- | | |
|--------------------|----------------|
| a) fiz o palhaço | [fízupalásu] |
| b) fi-lo palhaço | [fílupalásu] |
| c) chamar o ladrão | [ʃamáruladrõõ] |
| d) chamá-lo ladrão | [ʃamáluladrõõ] |
| e) pintem o verde | [pítẽuvérd] |
| f) pintem-no verde | [pítẽnuvérd] |

Note-se que tanto o valor semântico como a estrutura sintáctica das primeiras frases de cada par são diferentes das das segundas. Contudo, interessa-nos analisar estes pares apenas da perspectiva fonológica, o que nos permite considerá-los como pares mínimos (fonológicos); isto é, como tendo a mesma sequência segmental de base (por exemplo: [fízupalásu])⁵. As diferenças fonéticas das segundas frases dos pares são desencadeadas pela cliticização do pronome ao verbo que se evidencia através da assimilação (e queda em b) e d)) da consoante final da forma verbal⁶.

Se por um lado estes exemplos comprovam parte da nossa análise (a que diz respeito à cliticização fonológica do pronome) fica ainda por justificar a cliticização fonológica do artigo ao nome a partir da leitura sintáctica.

⁵ No Português Antigo a forma de base do artigo e do pronome é [lu]. Decidimos recuperá-la nesta análise por motivos de generalização e contraste a que um estudo integrado destes dois elementos obriga. A perspectiva histórica parece-nos imprescindível, uma vez que as formas fonéticas actuais ([u]-artigo e [u]/[nu]/[lu]-pronome) não permitiriam uma visão global do problema em causa.

⁶ Huber (1933) para o Português Antigo considera que nos casos em que <lo> (artigo ou pronome) se encontra depois de uma palavra terminada em <n>, <s> ou <r>, dá-se uma assimilação destas últimas consoantes ao <l> seguinte, sendo posteriormente o complexo <ll> simplificado. Só nestes contextos encontramos a presença do <l>, tanto na forma do artigo como na do pronome, tendo sido suprimido em contextos intervocálicos. Aceitamos por agora esta explicação, tendo consciência de que o texto de Huber não só não é explícito no que respeita à distinção entre fonética e grafia, como também não tem em conta questões silábicas que nos parecem imprescindíveis ao tratamento da evolução histórica destes elementos.

Talvez a análise que propusemos seja demasiado generalizada se tivermos em conta os três tipos de clíticos existentes nas línguas, a saber: clítico sintáctico (Italiano *LORO*); clítico fonológico (Inglês *HAVE*); clítico sintáctico e fonológico (Português *O / A* (pronome)).

Os itens de que nos ocupamos parecem pertencer a grupos diferentes - o determinante pronominal para além de ser um clítico fonológico - (sem acento primário) é também um elemento que se cliticiza a uma categoria sintáctica, fazendo, para tal, movimentos de "colocação de clítico". Por outro lado, o determinante artigo, em Português, aparenta ser apenas clítico fonológico. Em Galego, Uriagereka (s.d.) defende que o artigo se move para o núcleo da categoria regente, para o verbo - *comemo-lo caldo* [comemos o caldo/sopa]- assim sendo, o artigo é também clítico sintáctico. Em Português Antigo casos como este abundam (cf: Williams (1938) e Huber (1933)); actualmente, as ocorrências deste fenómeno são apenas dialectais, e em nossa opinião são sobretudo evidências de um estágio antigo da língua, no qual Português e Galego estariam muito mais próximos⁷.

A principal diferença entre clítico fonológico e clítico sintáctico advém do facto de haver escolha da categoria sintáctica anfitriã por parte do clítico sintáctico, cliticizando o clítico fonológico à partida cegamente no que respeita à categoria sintáctica - a condição é que tenha acento principal de palavra, a direcção de cliticização faz parte das suas qualidades inerentes (cf: Nespor & Vogel: 1986). Assim, se a cliticização fonológica de um clítico sintáctico e fonológico pode ser prevista através da construção sintáctica, uma vez que este se desloca sintacticamente e preenche dois requisitos (cliticiza a uma categoria sintáctica específica e encontra também um acento principal de palavra), o clítico fonológico tem de ser estudado de outra perspectiva, através de processos fonológicos (assimilações, quedas, inserções) que evidenciem consequências da cliticização fonológica.

Apesar das dificuldades acima expostas (que são um incentivo para futuros trabalhos) pensamos que a nossa análise de leitura "automática" da cliticização fonológica a partir da construção sintáctica pode ter algumas vantagens práticas no tratamento da cliticização [- marcada] do clítico pronominal em Português. Numa perspectiva de processamento da Linguagem Natural em que se impõe

⁷ Dados recolhidos em Peralita (Trás-os-Montes) e gentilmente cedidos pelo grupo de Dialectologia do C.L.U.L. evidenciam uma cliticização do artigo ao verbo quando este último termina em vogal nasal. Esta restrição leva-nos a crer que a cliticização será apenas fonológica. Eis alguns exemplos: "o serpão tem-na folha muito miudinha"; "ah, são-nas lagartas"; "tem-nas asas pretas".

a articulação dos módulos da Gramática (Léxico, Fonologia, Sintaxe e Semântica), através de sistemas de interface, é importante que estes diferentes módulos beneficiem entre si das informações específicas que contêm.

Seria interessante que o mecanismo de síntese e reconhecimento de fala, por exemplo, aproveitasse a informação sintáctica contida no módulo correspondente da Gramática. Retomemos os exemplos já apresentados:

- a) fiz o palhaço [fízurαlásu]
- b) fi-lo palhaço [fílurαlásu]

- c) chamar o ladrão [ʃamárulαdrɔ́õ]
- d) chamá-lo ladrão [ʃamálulαdrɔ́õ]

- e) pintem o verde [pítẽuvérd]
- f) pintem-no verde [pítẽnuvérd]

Se a máquina fosse instruída no sentido de ser sensível à estrutura sintáctica (nomeadamente no que respeita à reestruturação do clítico pronominal no verbo) tal permitir-lhe-ia fazer algumas opções automáticas no tratamento fonológico do grupo verbo+clítico:

1. tratá-lo-ia como sequência fonológica única; i. e. sem pausas intermédias;
2. reconheceria este bloco como constituinte prosódico;
3. uma vez reconhecido este domínio prosódico poderia aplicar regras fonológicas que lhe fossem específicas (assimilações, quedas, espraiaamentos de traços, ...).

Perante as mesmas sequências sonoras a máquina saberia exactamente quando estava diante de um grupo clítico, uma vez que a estrutura sintáctica o tornaria explícito. Assim, no sentido de instruir máquinas, a análise apresentada mostra-se útil e de fácil implementação - bastaria que o mecanismo de síntese e reconhecimento de fala soubesse ler a "árvore" sintáctica, o que accionaria as opções acima referidas. Esta é uma hipótese de trabalho que interessa explorar, (paralelamente ao estudo da previsível cliticização fonológica do artigo ao nome) sobretudo se pensarmos nos objectivos da Linguística Computacional que privilegiam soluções simples e funcionais. Conseguir-se-ia, por outro lado, a sempre desejável articulação entre conhecimento teórico linguístico e aplicações práticas no tratamento da Linguagem Natural.

Bibliografia:

- Abney, S.P., The English Noun and its Sentential Aspect, MIT, Massachusetts, 1987.
- Ali, M. Said, Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Livraria Académica, Rio de Janeiro, 1971 (1ª edição 1921-1923).
- Barbosa, J. Soares, Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral applicados à nossa linguagem, Academia das Ciências, Lisboa, 1871 (1ª edição 1822).
- Barros, João, Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha, Faculdade de Letras da Universidade, Lisboa, 1971 (1ª edição 1540).
- Dias, A.E. Silva, Syntaxe Histórica Portuguesa, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1970 (1ª edição 1917).
- Frota, Sónia, "Is Focus a Phonological Category in Portuguese?" (1992), a publicar in Proceedings of Consule I, Universidade de Utrecht.
- Fukui & Speas, "Specifiers and Projections", manuscrito, MIT, Massachusetts, 1986.
- Huber, Joseph, Altportugiesisches Elementarbuch, tradução portuguesa de Maria Helena de Cille: Gramática do Português Antigo, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986 (1ª edição 1933).
- Nespor & Vogel, Prosodic Phonology, Foris Publications, Dordrecht, 1986.
- Oliveira, Fernão, Grammatica da Lingoagem Portuguesa, Imprensa Nacional, Porto, 1871 (1ª edição 1536).
- Raposo, E.P., "Sobre a forma *o* em Português", (1973), Boletim de Filologia, Tomo XXII, INIC - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1984.
- Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem, Caminho, Lisboa, 1992.

Selkirk, E., Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure, MIT, Cambridge/Massachussets, 1984.

Uriagereka, J., "Determiner Clitic Placement" (artigo distribuído no Curso de Verão da Universidade de Barcelona em 1992).

Williams, Edwin, From Latin to Portuguese (historical phonology and morphology of the portuguese language), tradução portuguesa de Antônio Houaiss: Do Latim ao Português (fonologia e morfologia da língua portuguesa), Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1961 (1ª edição 1938).